Vá até lá, não sei onde

Recontado por Eesha Sardesai

O fazendeiro colhia e prensava azeitonas; o aroma do azeite perfumava suas mãos, braços, o corpo todo, conforme trabalhava sem cessar. No horizonte o sol se punha. Conforme a luz suave se espalhava pelo céu, o homem parou e lançou um olhar sobre sua plantação – as colinas, as oliveiras, o chalé onde vivia com sua esposa. Era, estava convencido, o recanto mais bonito do mundo.

—Emílio! — sua esposa Helena o chamava de casa. — Emílio, venha logo. Veja quem está aqui para nos ver.

Conforme Emílio descia pela colina, logo notou os contornos de uma carruagem puxada por cavalos. Uma bandeira feita de seda vermelha estava hasteada atrás dela e possuía o emblema real.

Emílio franziu as sobrancelhas com surpresa. "O rei?" pensou. "Visitando *nossa* plantação?" Então se apressou. Como era de se esperar, ao se aproximar de casa, viu que de fato era o rei que estava ali.

— Sua Majestade! — disse Emílio. — A que devemos esta honra?

— Boa tarde Emílio — disse o rei. —Sua esposa— e apontou para Helena que estava por perto — estava justamente me falando sobre sua plantação. Eu estava passando com minha carruagem e não pude deixar de perceber sua beleza.

— Obrigado, Sua Majestade — disse Emílio. — Sim, nós plantamos oliveiras aqui, e todos os anos vendemos o azeite no mercado.

O rei olhou ao redor da plantação, com o olhar demorando-se um pouco mais nos vários barris de azeite abertos que estavam por perto. O azeite era como ouro líquido, seu aroma se espalhava ao redor, acrescentando à atmosfera um aroma de vegetação adocicada. Até então o rei havia visto inúmeros óleos exóticos – no entanto jamais tinha se deparado com nada parecido.

Ele voltou-se novamente para Emílio e Helena.

— Gostaria de possuir esta terra — declarou — e todas as oliveiras e o azeite que vocês produzem aqui.

Emílio ficou surpreso.

— Eu…eu sinto muito, Sua Majestade — disse ele finalmente. — Mas não posso lhe dar esta terra.

— Como assim não pode me dar essa terra? — disse o rei incrédulo. Ele não estava acostumado a ter seus desejos negados.

— Sua Majestade, esta terra pertence à minha família há gerações. É o nosso lar. Não posso dá-la. Por favor, se existe alguma outra coisa que eu possa fazer, qualquer outra coisa, eu farei de bom grado.

O rei não disse nada por um momento. "É claro que eu poderia simplesmente confiscar essa terra", pensou consigo mesmo. "Afinal de contas eu sou o rei". Mas então pensou em toda acusação de tirania que isso provocaria, o combustível que daria para os seus inimigos. Não, não, ele teria que ser mais esperto do que isso.

—Vou lhe dizer uma coisa — disse o rei. — Se você não me der sua plantação de oliveiras, então durante um ano, você terá que vir trabalhar

na minha terra. Durante um ano você vai trabalhar e executar cada tarefa que eu lhe der.

Emílio aceitou o comando e na manhã seguinte se apresentou nas terras do palácio.

No entanto, lá chegando, ele ficou completamente chocado com o que viu. Todas as árvores estavam mirradas e com aparência doentia, suas folhas murchas e amareladas, suas raízes desgastadas expostas acima do solo. A terra em que estavam era seca como areia.

Enquanto Emílio tentava assimilar o que via, um dos servos do rei se aproximou dele por trás.

— O rei ordenou que você traga essas árvores de volta à vida no prazo de dois dias — disse o servo.

— Dois dias?! — exclamou Emílio. — Como…?

— Dois dias — repetiu o servo. — Aqui, tome isso.

E jogou uma pá desgastada nas mãos do Emílio.

Emílio ficou olhando para aquelas árvores raquíticas diante de si, seus ombros caídos com resignação. Fazer o que? E começou a trabalhar.

Pelo resto do dia e durante a noite ele trabalhou duro, cuidando das árvores, recuperando o solo, trazendo de volta a vitalidade ao solo. O sol durante o dia era duro e implacável e a umidade pegajosa da noite não foi melhor.

Ao final do segundo dia Emílio estava totalmente coberto por uma crosta de poeira e alquebrado. Mesmo assim, de alguma forma milagrosa, ele

havia conseguido. A terra estava macia e úmida novamente; as árvores, uma vez podados seus galhos mortos e as folhas secas, tinham nova vida.

Do palácio, o rei olhava com expressão contrariada.

— O que é, majestade? — perguntou seu servo. — Você não queria que Emílio ressuscitasse essas árvores?

— Não — o rei respondeu. — Queria que ele morresse de cansaço. Porque nesse caso eu poderia confiscar suas terras.

— Senhor — disse o servo hesitante —, será que é necessário? Com certeza deve haver um outro pedaço de terra tão bom quanto o dele.

— Não! — disse o rei, que àquela altura estava demasiado tomado pela ganância para raciocinar. — Você não viu aquelas oliveiras ou sentiu o aroma de seu azeite. Vá e dê mais trabalho ao homem.

E então, isso continuou por dias, semanas e meses. O trabalho foi ficando cada vez mais e mais árduo, as tarefas cada vez mais e mais sem sentido. Plantar oitenta árvores novas, o rei ordenou. Arrancar outras oitenta. Mas a cada vez, de alguma forma Emílio conseguia fazer o que era necessário ser feito. No entanto, ele também achava que ia se quebrar sob todo aquele esforço.

— O rei está tentando me matar de trabalhar! — Emílio disse para sua esposa, certa noite após o jantar, com a cabeça enfiada entre as mãos.

— A vida era muito melhor quando éramos apenas nós dois e nosso olival — lamentou.

— Sim, talvez — disse Helena. — Mas a essas alturas, que sentido faz ficar remoendo o passado? Agora estas são as suas circunstâncias na vida.

— Bem, quero me livrar dessas circunstâncias — disse Emílio.

— Como você vai fazer para ficar livre? — Helena perguntou. — Os domínios do rei se estendem até onde a vista alcança, assim como as regras de sua lei.

— Tem que haver uma saída.

Helena era uma mulher muito sensível e perspicaz.

— A saída acabou, Emílio. Você deve cumprir sua obrigação. Não olhe para frente e não olhe para trás. Apenas continue fazendo o seu trabalho.

Então, Emílio continuou trabalhando. Chegava de manhã cedo todas as manhãs e ia embora bem tarde, no final do dia. Não importava quão grande era a tarefa diante dele, não importava quão inconcebível parecia ser, Emílio sempre dava um jeito de completar seu trabalho.

— Isso não está funcionando! — frustrado, finalmente o rei se desabafou com o seu servo. — Temos que encontrar outra maneira de acabar com esse homem.

— Hummm — disse o servo. — Tenho uma ideia.

E a compartilhou com o rei, que acenou com a cabeça.

***

No dia seguinte, o servo foi ver Emílio nos jardins.

— Olá Emílio — disse o servo, secamente. — Tenho uma ordem do rei para você.

— Sim, o que é?

— O rei disse e eu repito: *"Vá até lá, não sei onde. Traga de volta aquilo, não sei o que."*

— Vá lá... me desculpe, o que? — Emílio perguntou perplexo.

— *"Vá até lá, não sei onde. Traga de volta aquilo, não sei o que."*

Emílio ficou boquiaberto diante do servo.

— C...como devo ir a algum lugar que não sei? E trazer de volta, *não sei o que?*

— Sou apenas o portador da mensagem — disse o servo. — E lhe desejo boa sorte.

Com isso, foi se embora.

Naquela noite, Emílio compartilhou seu dilema com a esposa. Novamente, estava com a cabeça enfiada entre as mãos.

— Sei que já disse isso antes, mas, realmente, essa é uma ordem impossível — disse Emílio. *"Vá até lá, não sei onde. Traga de volta aquilo, não sei o que."*

Helena apertou os lábios. Estava concentrada, pensando.

— Sim, *trata*-se de um enigma — ela disse. — Mas você sabe, deve haver alguém que possa ajudar você.

— É mesmo? — disse Emílio, erguendo o olhar. — E quem seria?

— Tem uma mulher, velha e sábia, já ouvi as pessoas comentarem sobre ela. Dizem que ela ajuda aqueles que estão ... procurando.

— E onde posso achar esta velha sábia?

— Ninguém sabe exatamente, mas ouvi dizer que se você caminhar pela floresta e passando um pouquinho para além de onde ela termina, e continuar ainda um pouco mais longe, você pode encontrar a casa dela.

Emílio não parecia muito convencido.

—Ouça o que tenho a dizer — Helena disse com gentileza. — Você tem que ver esta mulher, velha e sábia. Sinto que ela pode ajudar.

E assim, apesar de suas perguntas e dúvidas, Emílio partiu. Arrastou-se floresta adentro e então, quando ela terminou, continuou andando. E caminhando. E andando a esmo. Perdeu a noção do tempo. Estava prestes a desistir quando, um pouco mais adiante, ele viu o que parecia ser uma pequena cabana. Uma luz tremulava na janela.

— Será que poderia ser esta? — se perguntou. — A casa da mulher, velha e sábia?

Apressou-se até chegar ao local e bateu na porta, que se escancarou e lá estava, de pé, na entrada, uma mulher com uma coroa de cabelos grisalhos prateados e o rosto completamente enrugado. Havia um brilho inexplicável ao redor dela. Emílio nunca tinha visto nada parecido. Era como se o sol brilhasse através dela, ou talvez fosse a lua. Em seu olhar havia uma espécie de sabedoria.

— Sim, meu filho? — disse ela. Sua voz era suave e profunda.

— Por favor, senhora —Emílio disse. — Espero que a senhora possa me ajudar.

De alguma forma ele sentiu que poderia falar com essa mulher, que se lhe contasse sobre sua situação, ela o entenderia. Então, sem mais delongas, ele compartilhou com ela toda sua história: o rei fazendo ele trabalhar até a exaustão, as tarefas que ficavam cada vez mais impossíveis, e por fim isto, essa instrução. *Vá até lá, não sei onde. Traga de volta aquilo, não sei o que.*

Conforme Emílio terminou de contar a sua história, a mulher colocou as mãos sobre seu ombro e sorriu.

—Assim, você veio — disse ela. — Espere aqui.

Ela desapareceu dentro da casa. Um minuto mais tarde ressurgiu na porta, segurando um pequeno pacote em suas mãos. Estava cuidadosamente embrulhado em papel marrom.

— Você sabe onde você está? — perguntou ao Emílio.

— Estou na sua casa — ele respondeu.

— Mas você sabe onde é a minha casa?

— Acho que agora sei. Mas antes eu não sabia. Ei ... ei espera aí! — disse Emílio todo animado. Estava começando a entender. — *Vá até lá, não sei onde...*

— Sim, meu filho, — disse a sábia mulher, colocando o embrulho em suas mãos. —Agora vá, leve isto diretamente para o rei. E se o rei disser que não foi isso que ele mandou você pegar, então você dirá a ele que então levará o embrulho até o mar e estraçalhar aquilo. E ao caminhar para o mar, pegue uma vara e comece a bater no embrulho.

Emílio simplesmente olhava para ela.

— Então, vá de vez — disse a sábia mulher, com uma piscadela.

Emílio se inclinou lentamente, com uma expressão mista de espanto e esperança. Agradeceu a velha sábia e começou a longa jornada de volta.

Quando ele finalmente chegou às terras do palácio, o rei mal podia acreditar no que via.

— Sua Majestade! — Emílio anunciou quando entrou na corte. — Fiz o que você pediu. *Eu fui lá, não sei onde*. E eu trouxe de volta *isto*.

E estendeu o pacote.

— O que é isto? — perguntou o rei.

— Eu não sei — Emílio respondeu.

Com um olhar de dúvida estampado na cara, o rei agarrou o pacote e retirou o papel marrom. No pacote havia um pequeno tubo redondo, com um tipo de pele encerada esticada sobre ele – um tamborete.

O rei levantou o tamborete para ver melhor na luz, e sua testa franziu.

— Você deve ter ido ao lugar errado — ele disse rapidamente, empurrando o tamborete na direção de Emílio. — Isso que você trouxe de volta não é o objeto certo. E pelo fato de você não ter cumprido o seu dever, enviarei meus guardas para confiscar suas terras, sua casa, suas oliveiras, tudo.

— Está certo, Sua Majestade — disse ele. — Mas já que eu trouxe de volta o objeto errado, eu devo levá-lo até o mar e esmagá-lo.

E antes que o rei pudesse responder, Emílio saiu da corte.

Ao longo do caminho que levava até a costa, ele viu muitas varas macias alinhadas na beira da estrada. Ao se lembrar do conselho da mulher velha e sábia, ele pegou uma das varas e começou a bater, forte, contra o tamborete.

Boom. Para um tamborete tão pequeno até que ele tinha uma ressonância incrível. *Boom*, Emílio começou a bater no tambor com ritmo. *Boom!* E logo, ele foi envolvido pela vibração do som. *Boom!* O som estava dentro dele. *Boom!* O som se movia através dele. *Boom!* Era o som, de fato, ele mesmo?

E seguiu sua marchava, batendo o tambor no ritmo, sua consciência sendo cada vez mais atraída para dentro. O rei, as tarefas impossíveis, o medo de perder sua casa— de repente tudo isso ficou para trás, muito longe. Sua mente se aquietava. Não havia pensamentos, somente o som, somente o silêncio.

E se Emílio tivesse olhado em volta, teria percebido que, na verdade, uma multidão havia se reunindo atrás dele. Também eles estavam intoxicados pela batida do tambor; eles também estavam marchando no ritmo. Até mesmo os guardas, quem o rei havia mandado para confiscar as terras de Emílio, pararam no meio do caminho. Eles também estavam se movendo ao som do tambor. O rei os chamava aos gritos, mas em vão. Eles estavam seguindo um comando mais poderoso que o dele.

No momento em que Emílio alcançou as margens do oceano, seu rosto estava transfigurado pela luz. Todo seu ser emanava resplendor. Com uma última batida, uma batida tal que reverberou e ressoou por todo reino, ele esmagou o tambor e jogou os pedaços mar adentro.

Vá até lá, não sei onde. Traga de volta aquilo, não sei o que. Emílio sussurrou para a água.

Só agora ele soube: Ele sempre esteve lá. Ele sempre foi Isso.

© 2019 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

Esta história é inspirada no conto clássico de Leo Tolstói “The Empty Drum.” [O tamborete vazio]